cológicos na infância, por falta de interação social, ficando expostos a era digital, celular, tablete, televisão, vídeo game, entre outros.

Com a pandemia intensifica a fragilidade do sistema educacional, tornando explícito a necessidade de transformar as práticas de ensino e a relações sociais com mais empatia, colaboração e resiliência.

Com o retorno das aulas presenciais, contribuiu para acolhida de todas as crianças e jovens que estavam expostos a vulnerabilidade e violência, resgatando a autoestima, diminuindo as incertezas, medo, facilitando a interação social e o desejo em continuar o processo de ensino aprendizagem. Atualmente está sendo desenvolvidas ações contínuas de acolhimento, mediação de conflitos, inserção social visando o resgate ao respeito e empatia, proporcionando reflexões referentes a superação de dificuldades e capacidade em resolver problemas.

O trabalho com projetos, que envolvam metodologias ativas oferece maior autonomia, iniciativa, estimulando o protagonismo do aluno, o professor tem um importante papel em apoiar e estimular na transformação e ampliação das competências cognitivas e socioemocionais. A utilização das metodologias ativas no processo de aprendizagem tem grande função em minimizar a desigualdade escolar.

Resgatar o interesse dos estudantes em sala de aula é um grande desafio que sempre vai existir. Uma alternativa eficaz para melhorar o engajamento é deixar o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem através do uso das metodologias ativas que tem a função de superar os obstáculos que surgiram com a pandemia.

REFERÊNCIAS

D´Ambrosio,U. (2004). A busca da paz como responsabilidade dos matemáticos. São Paulo:

Livraria de física.

FERREIRO, Emília. Com todas as letras. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko (2003). Jogos tradicionais infantis: O jogo, a criança e a educação.

Petrópolis: Vozes.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed.

Campinas, SP: Papirus, 2007.

POLANCZYK, G. V. O Custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=321462. Acesso em: 29 out 2021.

REICHENBERGER, Veronika et al. O desafio da inclusão de pessoas com deficiência na estratégia de enfrentamento à pandemia de COVID-19 no Brasil. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 29, n. 5, p. 1-5, nov. 2020.

BONÁS, Sandro, CEO at Conexia Educação / Metaverse and Digital Transformation Enthusiast

/ Business Agility / Edtech São Paulo, São Paulo, Brasil

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2020. A cruel pedagogia do vírus (Pandemia Capital). São Paulo: Boitempo.

SOLDÃO.M. Uma reflexão sobre a formação continuada de professores da educação profissional na pandemia. In: CONCEIÇÃO, A. N. et al. (Org). De repente, uma Pandemia: discussão sobre os processos educacionais durante o período de distanciamento social. Porto Alegre: Ed. Fi, 2021. p. 134-147.

VIGOSTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA EDUARDA DA SILVA SANTOS SOUZA

RESUMO

As crianças são seres singulares e aprendem por meio de diferentes linguagens e o ensino de Artes Visuais pode contribuir para aprimorar de forma mais significativa para que ela desenvolva toda suas potencialidades, bem como criatividade, auto estima, apreciação artística além de transmitir visão de mundo e no contexto social propiciar reflexão sobre o seu papel em uma sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVES: Arte, Educação Infantil, Possibilidades.

INTRODUÇÃO

A Arte existe desde a época das cavernas, neste sentido as pinturas rupestres encontradas em sítios arqueológicos constituem como as primeiras formas oficiais de expressões artísticas da humanidade. Essas pinturas tinham por objetivo registrar o cotidiano desses povos, suas crenças, rituais e a

relação que tinham com a natureza.

Com a evolução do homem, a Arte acompanhou sua transição cultural através de vários aspectos e estilos artísticos, entre eles: a arte renascentista, barroco, o expressionismo, realismo, surrealismo, etc. até chegar na era atual com a Arte Moderna.

No Brasil embora também existiam esse tipo de manifestação ruprestes, assim como registros da cultura indígena, foi a partir da chegada dos jesuítas e com a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios que se deu início a formação acadêmica da arte, contudo o método tradicionalista era predominantemente defendido neste contexto educacional.

Nos dias atuais a disciplina de Artes na Educação Infantil, vai além das folhas de papel sulfite, desenhos impressos prontos, sem contextualização, ou até mesmo da simples experimentação de cores e massinha de modelar.

A visão de passatempo no âmbito escolar, portanto, deve ser revisto e o papel transformador da arte deve ser difundido, afim de desenvolver aspectos afetivo cognitivo, motor e perceptivo da criança.

O papel mediador do professor é fundamental no processo de construção de um ambiente propício a experimentações, exploração e a criatividade e a partir dessas vivências as crianças terão oportunidade de protagonizar suas próprias criações artísticas e ressignificá-las no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, vale ressaltar a mediação do professor deve, sobretudo, levar em consideração a fala da criança, desenvolver metodologias prazerosas que despertem a construção de ideias e seu pensamento crítico e criativo.

DESENVOLVIMENTO

BREVE HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

O ensino de Arte no Brasil deu origem em meados de 1549 com a chegada dos primeiros jesuítas e eram comandados pelo padre Manuel da Nóbrega e foi pela tentativa de converter os indígenas a fé católica que construíram as primeiras escolas de instrução elementar, visto para eles os povos originários só poderiam abraçar o catolicismo se soubessem ler e escrever.

Vale salientar, entretanto, que nesta época já existiam manifestações artísticas rupestres e também muitas contribuições da cultura indígena espalhadas por todo o território nacional. Sobre a arte rupestre, para muitos estudiosos os primeiros registros datam de muito antes da chegada dos portugueses e estes sítios arqueológicos encontram-se no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí. Neste local foram catalogados mais de 700 mil objetos e pedras (ponta de lança, objetos para perfurações), além de pinturas e gravuras fixados em paredões de arenito e estes artefatos datam entre 17 e 25 mil anos.

As pinturas rupestres eram compostas basicamente por pigmentos naturais como: terra colorida, sangue de animais, resto de carvão, pigmentações de plantas e em geral retratavam a rotina de caça desses povos.

Já no período colonial os trabalhos manuais eram prioritariamente desenvolvidos pelas classes menos favorecidos e tinham mais função do ensino a algum ofício, o uso da linguagem e a formação artística era exclusivo apenas aos nobres.

Um marco para a ascensão do ensino da Arte no Brasil foi a inauguração da Academia Brasileira de Belas Artes, rompendo consigo a ideia tradicionalista e trazendo a valorização da livre expressão dos alunos.

Durante as décadas de 20 a 70 as escolas brasileiras baseavam o ensino de arte em experiências estéticas modernistas baseadas em tendências escola novista e as práticas pedagógicas tinham o objetivo de repetições de modelos prontos, assim como afirma o PCN (1997).

Para Saviani (1983) Deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada, principalmente, nas contribuições da biologia e da psicologia (SAVIANI, 1983,p.12-13).

A Semana de Arte Moderna, 1922 foi determinante para mudanças de paradigmas e trouxe consigo o modernismo para o Brasil. Neste evento que teve apoio da iniciativa privada e governamentais, diversas áreas culturais tiveram destaque, entre elas: pintura, escultura, poesia, literatura e música.

O Parnasianismo reinava absoluto no país até estão quando vários artistas e intelectuais da época romperam barreiras, como o escritor Oswald de Andrade que em visita a Europa, trouxe ideias conceitos inovadores de Filippo Tommoso Marinetti.

Já Anita Malfatti, que tinha em suas pinturas traços claro do cubismo, expressionismo e futurismo, trouxe a princípio estranheza a muitos.

Essa ruptura com o passado trouxe diversas contribuições e inovações na cultura artística, entre elas foi a poesia que até então

era apenas escrita e passou a ser declamada, conceitos de músicas à capela (apenas com o uso da voz), modernos conceitos arquitetônicos, esculturas e pinturas que revolucionaram as concepções artísticas da época.

Com o surgimento da primeira LDB nº 5292/71, a educação artística foi inserida no contexto escolar, mas ainda era vista como mera distração e passatempo entre as disciplinas obrigatórias. Sobre isso AVELBERG (2003, p.115) afirma que "a arte não era considerada como disciplina, mas como "área generosa"; contraditoriamente, os professores tinham de explicar objetivos, conteúdos, métodos e avaliações".

Em 1973 o Governo Federal criou o curso universitário para preparar professores para disciplina de Educação Artística, o currículo do curso era básico de apenas 2 anos de estudos tendo dimensão nacional.

O divisor de águas que realmente ressignificou essa aprendizagem, entretanto, a publicação da nova LDB nº 9394/96, determinando a obrigatoriedade do Ensino de Arte, a reconheceu como disciplina oficial nas escolas. Outro marco, neste contexto com os Parâmetros Curriculares Nacionais inicialmente baseados na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa.

Para Barbosa, o ensino de Arte trazia consigo diversas habilidades como a capacidade de interpretação, imaginação, criatividade, além de desenvolver aspectos afetivos, emocionais e habilidades motoras.

O método de abordagem triangular: conhecer a história, o fazer artístico e saber apreciar a obra de arte defendem não apenas a ideia de educadores atualizados, mas sobretudo, o desenvolvimento integral do educando.

A ruptura da visão de mero transmissor, autoritarista e dono da verdade absoluta do professor sofre ruptura e isso contribuiu para que os alunos tivessem condições de expandir sua criatividade, capaz de expandir suas expressões artísticas.

O ENSINO DE ARTE E SUAS POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

Quanto mais cedo um indivíduo entra em contato com as expressões artísticas, mas cedo reconhecerá sobre sua própria cultura e a importância dela em seu contexto social.

A estudo da Arte na Educação Infantil tem diversas possibilidades, principalmente porque a criança pode ter acesso a materiais variados, alguns até não estruturados e isto potencializa a sua aprendizagem e o lúdico neste contexto, precisa trazer consigo essas possibilidades com atividades de dança, teatro, pintura, entre outras. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 2000, p.19).

Para que haja realmente a aquisição do fazer artístico é necessário de que o educador tem intencionalidade e planejamento em toda a sua ação pedagógica, haja vista que a busca pelo conhecimento é algo permanente e a constante pesquisa pelo aperfeiçoamento em seu trabalho é inerente a sua profissão.

Não há respostas prontas para a exercício docente, contudo de acordo com Ostetto (2010) é dever do educador a busca por caminhos que levem o educando a descobrir e explorar o mundo simbólico das expressões artísticas.

A arte deve ser vista como processo de experimentação para a criança, ou seja, por meio dela poderá compreender de forma mais clara a sua visão de mundo fazer interlocuções entre os saberes adquiridos no ambiente escolar e os saberes sociais.

Holms (2004, p.88), enfatiza que o adulto não tem poder para determinar o processo artístico da criança, "... ou conhecer o caminho de antemão e ter a situação sob controle... Se não entendermos que o processo artístico é aberto, então aquilo com o qual estamos trabalhando não é arte".

As crianças pequenas se manifestam de forma abstrata e o adulto precisa desenvolver um olhar sensível neste contexto, pois a sua linguagem ainda está em processo de maturação. Desta forma as múltiplas linguagens do universo infantil devem ser exploradas pelo educador afim de oportunizar o acesso as diferentes formas de expressões artísticas.

Sobre isso o Referencial Curricular para a Educação Infantil afirma que:

A Arte, não pertence as creches, pré-escolas e escolas e não deve ser subserviente ou ficar a serviço de outros interesses. Ela vem abrir as portas e janelas das instituições educacionais para mostrar a vida de oura forma - estética e poética – e favorecer o transbordamento das múltiplas linguagens da criança, favorecendo o acesso e estimulando as diferentes formas de expressões artísticas. (BRASIL, 2006, p.28)

CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA, TEATRO E DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Assim como outras formas artísticas, a música pode contribuir para a socialização e aprendizagem cooperativa nas crianças, vis-

to que a própria música não se faz exclusivamente em um único som emissor, ela necessita de um conjunto de acordes, notas para que formar uma melodia.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) defende a construção de diferentes linguagens e experiências e conhecimento de mundo e neste contexto os conteúdo de música, teatro e dança possibilitam essas experimentações.

Infelizmente ainda é comum o ensino de arte musical sem contextualização nas escolas de Educação Infantil e as costumeiras músicas cantadas, em geral aquelas que as crianças tem acesso por meio de desenhos de sua rotina.

Não há problema que a criança tenha acesso a diversidade cultural, muito pelo contrário, as contribuições são inúmeras. No entanto, o ensino deve conter em seu planejamento a intencionalidade e diversidade, respeitando sobretudo a meio cultural pelo qual o aluno está inserido.

A linguagem musical deve ter caráter interdisciplinar, pois dinamiza o processo de ensino aprendizagem deixando-o muito mais prazeroso. Um professor da disciplina de História, por exemplo poderá desenvolver projeto com o colega de Artes, por meio de músicas populares que trazem consigo uma infinidade de possibilidades e bagagem.

Segundo Teca Brito (2003):

A música é uma linguagem universal. Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios. Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais, os seres humanos traduzem sua presença, integrando-se ao todo orgânico e vivo deste planeta (2003, p.17).

A música, portanto faz parte do patrimônio histórico da humanidade e qualquer proposta de ensino de acordo com os Parâmetros Curriculares deve levar em consideração a voz e a diversidade cultural do aluno.

Já para que o teatro e a dança tenham contextualização no âmbito escolar é necessário a didática ao ensino pedagógico e que essas novas experiências contribuam para o desenvolvimento integral da criança.

A criação coletiva que faz parte dos jogos teatrais possibilita formação de indivíduos críticos e autônomos e o uso planejamento lúdico do professor terá como consequência um ensino aprendizagem prazerosa.

Essa abordagem leva a uma perspectiva eminentemente subjetiva, individualista e afetiva do processo de ensino-aprendizagem. Para esta perspectiva, mais do que um problema de técnica, a didática deve se centrar no processo de aquisição de atitudes tais como: calor, empatia, consideração positiva incondicional. (CANDAU, 2011 p. 14)

Na linguagem teatral o aluno tem uma autoreflexão, pois para que o trabaho seja desenvolvida precisa haver espírito colaborativo, há portanto uma relação de interdependência, todos são necessários, todas as vozes precisam ser ouvidas.

No que tange os conteúdos de teatro as possibilidades são ainda maiores, pois o professor de Educação Infantil "a dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de integração e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente" (PCN, 1997).

Esse processo didático possibilita que a criança não só reconheça suas potencialidades, como também respeite e admire as potencialidades de seus colegas e isso terá inúmeros benefícios em sua vida social quanto indivíduo adulto.

Em resumo Garanhani (2004) resume bem em sua fala quando diz:

A criança transforma em símbolos aquilo que pode experimentar corporalmente e o pensamento se constrói, primeiramente, sob a forma de ação. Ela precisa agir para compreender e expressar significados presentes no contexto histórico-cultural em que se encontra. (Garanhani, 2004, p. 40).

No que diz respeito ao movimento corporal, permite o reconhecimento e a maturação da coordenação motora da criança e isso contribui com o conhecimento de si e do outro.

O movimento corpório está presente no ser humano desde a sua concepção no útero materno e experiência deve ser potencializada e contextualizada após o nascimento.

A aprendizagem desenvolvida por meio da dança, deve partir do presuposto de que o movimento faz parte da rotina cotidiana da criança, pois ela pula, gira, corre e esses movimentos contribuim a o desenvolvimento da motricidade. Esse movimento não acontece de forma obrigatória como no adulto, mas é efetiva de forma lúdica, prazerosa e espontânea.

Sobre a comunicação corporal RICHTER (2006, p. 37) escreve que "[...] ele não é neutro, mas se nutre das relações pessoais e culturais, constituindo-se no principal instrumento da criança no seu diálogo com o mundo social, possibilitandolhe aproximar-se da cultura e construir o pensamento".

O esquema corporal que é a consciência do próprio corpo segundo Wallon é uma construção progressiva e esse recurso acontece quando se está inserido em um meio social que predominem ações colaborativas para este fim.

Nesta perspectiva, PEREIRA (2001) coloca que:

(...)"a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres (...). Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade" PEREIRA, 2001, p. 60-61)

O trabalho do professor vai além da repetição de gestos, movimentos e/ou coreografias, assim como já aqui citado, a sua intencionalidade deve estar presente antes, durante e depois de seu planejamento.

De acordo com PICONEZ (2003) "os alunos aprendem pela prática", portanto a dança, tira o professor da sua zona de conforto e o desafia a contribuir pontes para o processo criativo de seu aluno e esse desenvolvimento vai além dos aspectos físicos, BERTONI (1992) psicológico, social, anatômico, intelectual, criativo e familiar.

O PAPEL MEDIADOR DO PROFESSOR

Geralmente a formação acadêmica inicial do professor de Educação Infantil, a disciplina de Arte tem limitações e consequentemente a execução dela não terá a princípio intencionalidade pedagógica em suas ações.

Partindo deste pressuposto os profissionais recém formados precisam ressignificar a sua prática, pois o foco de muitas instituições de ensino, as aulas são elaboradas a partir de datas comemorativas, pintura "livres", experimentações com cores primárias e/ou secundárias e registros por meio de desenhos ou pinturas de contações de histórias.

Nenhum dos casos aqui citados são antipedagógicos, o que necessita de reflexão é o que tudo isso está proporcionando para a aprendizagem da criança, será que oferecer um papel em branco ou até mesmo um desenho pronto é verdadeiramente trabalhar Arte na Educação Infantil?

O planejamento com intencionalidade, portanto rompe com a visão tradicionalista ainda vista em muitas instituições de ensino brasileira.

Desenvolver um projeto de releitura de uma obra de arte, por exemplo, não necessariamente precisa começar na sala de aula, existem diversas possibilidades na introdução desta temática. Porque não começar com a visitação de um parque da escola ou da comunidade, a uma feira livre, e finaliza-lo apreciando uma exposição em galeria e/ou locais propícios a isso?

O professor deve ter claro em sua mente de que a criança é "sujeito em sua própria aprendizagem" e sua principal função como educador é de criar pontes e despertá-la para que esta aprendizagem tenha significado.

Neste sentido Almeida (1992) afirma que:

A maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para o aluno, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder "Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?

(1992, p. 48)

Faz-se necessário, portanto, uma quebra de paradigma entre o tradicionalismo, para o protagonismo do aluno, onde o planejamento vise despertar a curiosidade, criatividade, levando em consideração as múltiplas linguagens de sua aprendizagem.

A linguagem visual, assim como a oral e a escrita, também é muito importante neste contexto, e é na Educação Infantil que o trabalho do educador fica mais evidente, pois a criança busca por meio da imaginação, expressar o que ainda não consegue oralmente. Desta forma, desenhar, pintar, modelar tem grandes significações principalmente na primeira infância.

A disciplina de Arte deve ter maior relevância para o professor, mas essa interação entre ele e a criança deve ser construída de maneira prazerosa e com possibilidade de que faça as suas próprias produções. Essas produções não devem simplesmente ser desenvolvida e guardadas dentro de armários ou fixadas em paredes da escola sem um significado ou intencionalidade, o uso de materiais, métodos, e práticas além de ter que favorecer o processo criativo, devem enaltecer o seu protagonismo.

O desenho, a pintura e a colagem das crianças são marcas que elas deixam a partir de sua relação com o mundo, em diálogo permanente com seu imaginário. São marcas pessoais. Portanto, é muito importante percebermos que cada criança tem um jeito próprio de se expressar: traços com mais vigor ou mais leves, ocupando o espaço todo ou apenas um cantinho, usando muitas cores ou escolhendo apenas uma etc. Nós professores (as), que lidamos dia-a-dia (sic) com meninos e meninas e suas produções culturais, seremos capazes de reconhecer a produção de cada criança mesmo que não tenha nome escrito se possibilitarmos que os pequenos se expressem com autoria. (BRASIL, 2006, p.48).

O fazer artístico vai além dos materiais tradicionalmente utilizados na rotina escolar (lápis, tinta e lápis de cor), as possibilidades são diversas: uso de carvão, ao invés de tinta

ou lápis, gravetos e materiais encontrados na natureza que possibilitem novas formas de expressões artísticas, tintas com pigmentações naturais (coloral, açafrão, leguminosas), etc.

Quanto mais diversidades de materiais, mas a criança terá instrumentos que contribuirão para o aprendizado de si e do mundo, pois a Arte faz parte do processo de autoconhecimento inerente ao ser humano.

O educador deve estar profundamente envolvido com qualquer disciplina em que esteja lecionado, e que a aquisição da linguagem visual é um processo criativo e essas interações devem ter relação com a realidade da criança, além de ter a preocupação que seus educandos tenham conceitos dos seguintes itens: o que é arte, sua origem e funções históricas da arte neste contexto.

Lanier (1984, p.54) defende a ideia de que a "nossa conduta numa direção que trate mais especificamente da aprendizagem em arte do que do desenvolvimento pessoal de qualidades não necessariamente relacionados com a arte".

Sendo assim, o processo transformador que leva o desenvolvimento da sensibilidade no aluno, depende de como o professor irá oferecer condições para esses novos conceitos, assim como a seleção de materiais, a forma como serão manipulados, o planejamento dos espaços, distribuição do tempo para execução das propostas, e os critérios de avaliação.

Neste contexto, vale salientar que o processo de avaliação da Educação Infantil, não acontece da mesma forma do que em outras modalidades de ensino, assim como discorre a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) em seu artigo 31 onde determinada que a avaliação dever ocorrer "mediante a acompanhamento e registro do seu conhecimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental".

A educação, bem como o educador tem dimensão política no processo de ensino aprendizagem, assim como Candau (2011) defende e a conscientização do seu papel irá refletir diretamente na construção de cidadãos conscientes de suas "práxis".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Artes no Brasil ainda é visto de forma secundária nas disciplinas da Educação Básica por muitos educadores, isto acontece não apenas pela deficiência das formações acadêmicas, mas também por esses profissionais não planejar e oferecer um local propício que favoreçam a produção da criatividade e a autonomia de seu fazer artístico do aluno.

A criação de ambientes didáticos fará com que a criança tenha acesso e manusei diversidades de materiais, levando-a criar diversas possibilidades para eles, despertando sua imaginação para lugares numa antes visto.

Ensinar Arte por ensinar e sem ter consigo trazer uma intencionalidade na aprendizagem de nada contribuirá para o processo criativo e visão de mundo, e para tanto a disciplina de Arte tem várias ramificações para explorações como: a dança, o teatro e a música.

Renovar e avaliar a sua prática é algo essencial para todo educador e isso só será possível se este for flexível a mudanças, pois saber ensinar não é algo pronto e exigirá que o processo de aquisição de conhecimentos de seus alunos tem um significado.

A linguagem visual, musical, a dança e o teatro neste contexto não só contribuem para um ensino aprendizagem mais significativo, mas na construção da identidade, desenvolvimento social afetivo e emocional.

O protagonismo da criança está em todo o seu processo de aprendizagem, e naqueles momentos em que desenvolve uma pintura proposta de modo não convencional da realidade ou do que o professor espera que conclua.

Podar as potencialidades desse futuro grande artista não é contribuir para uma reflexão crítica, mas sim limitar os degraus que ele tem capacidade de subir.

A Arte é universal e sua interdisciplinaridade é totalmente possível para todo e qualquer educador que queira ressignificar o seu fazer pedagógico e que queira proporcionar não apenas a criação de alunos apreciadores, mas sobretudo, seres humanos críticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arte Rupestre. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5354/arterupestre. Acesso em 24/06/2002.

ALMEIDA, C.M.C. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: FERREIRA, S.

(Org.). O ensino das artes: construindo caminhos. Campinas-SP: Papirus, 2001.

BERTONI, Íris Gomes. A dança e a evolução: O ballet e seu contexto histórico; Programação didática. São Paulo: Tans do Brasil, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares

Nacionais: arte. Brasília, DF, 2000.

––––––––. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Formação Pessoal e Social. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília, DF, 1998. v.3.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.